



Para a Suzano

2050

é agora

Posicionamento da Suzano
sobre mudanças climáticas

O mais recente relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) demonstrou de forma bastante clara a necessidade de mobilizarmos governos, sociedade e a iniciativa privada para combatermos os efeitos das mudanças climáticas. Embora os impactos apresentados sejam em parte conhecidos, o documento renovou o alerta sobre o tempo cada vez mais curto para a necessária mudança de rumo, baseada em ações eficazes para a redução das emissões de carbono.

A realização da 26ª Conferência das Nações sobre Mudanças Climáticas (COP 26), em novembro, será uma oportunidade para que os líderes mundiais reunidos no encontro possam chegar a um consenso sobre formas de agir coletivamente. Entre as mais aguardadas está a implementação de um mercado regulado de carbono vinculado ao Acordo de Paris. Trata-se de um instrumento econômico capaz de induzir ações concretas para remoção de carbono da atmosfera em escala global.

Temos no Brasil um problema social muito grave, que é o das pessoas envolvidas na ilegalidade do desmatamento como forma de subsistência. Ao mesmo tempo, dispomos de um raro potencial de geração de empregos na prestação de serviços ambientais. O mercado regulado de carbono pode viabilizar o investimento nessa capacidade ainda não desenvolvida, e potencializar o país como protagonista na geopolítica internacional por meio da agenda ambiental.

Trata-se de um mercado no qual o Brasil poderia gerar créditos de carbono em torno de 1 bilhão de toneladas de CO₂ equivalente, com geração de receitas da ordem de US\$ 100 bilhões até 2030. O setor florestal representa mais da metade desses recursos, com ações de manejo sustentável e recuperação de matas nativas.

Enfrentar as mudanças climáticas é o maior desafio de nossa geração e, se quisermos deixar um mundo melhor para as gerações futuras, devemos tomar medidas ousadas e coordenadas agora. Por essa razão, não faz sentido procrastinarmos para 2050 ou para 2040 a neutralidade de emissões de carbono, conforme tem sido anunciado por muitas empresas e países. A ação coletiva de descarbonização da economia tem que ser colocada em prática imediatamente, para não atingirmos um ponto de não retorno na questão ambiental.

Reduzir a temperatura global, contudo, não é uma tarefa a ser realizada por uma empresa sozinha, nem por um setor sozinho. Por isso, apelamos aos nossos pares no setor empresarial que se juntem a nós nesse esforço em conjunto.

A Terra é a nossa casa e é o que nos une e nos mantém conectados. As soluções para o planeta, portanto, fazem mais sentido quando adotadas coletivamente.

Walter Schalka, CEO da Suzano

PARA A SUZANO, 2050 É AGORA

As mudanças climáticas provocarão riscos e mudanças graves à sociedade e à vida. Os esforços mundiais para a transição rumo a uma economia de baixo carbono buscam metas de curto, médio e longo prazo. No momento, as atenções estão voltadas COP 26, que será realizada pelas Nações Unidas de 1º a 12 de novembro de 2021, em Glasgow, no Reino Unido.

A meta de alcançarmos emissões líquidas zero de Gases do Efeito Estufa (GEE), assumida por países signatários do Acordo de Paris como demonstração de maior comprometimento com a redução da crise climática, exige ações urgentes por parte dos governos, do setor empresarial e da sociedade civil organizada. Focar apenas em resultados de longo prazo não é suficiente, e será necessário o comprometimento com metas ambiciosas intermediárias, que gerem impacto em um horizonte mais próximo. Por isso, é premente que o diálogo e as negociações avancem em direção a pontos ainda em aberto e que, dessa

forma, consiga-se endereçar o tema a partir da definição de ações coletivas e intersetoriais. Estamos cientes de que é preciso buscar soluções adicionais para que sejam cumpridas as metas de redução de emissões estabelecidas no Acordo de Paris.

Planos de incentivos em âmbitos globais, nacionais e locais são primordiais para acelerar o cumprimento das metas climáticas. Vemos avanços significativos na adoção de critérios de transparência em mudanças climáticas, como as diretrizes da Task-force on Climate-related Financial Disclosures (TCFD), e no desenvolvimento de políticas e instrumentos financeiros que buscam promover os investimentos necessários para uma economia de baixo carbono. Ainda assim, esses instrumentos não são suficientes para levar o mundo à neutralidade de emissões.

Temos que construir pontes e soluções, e não apontar responsabilidades ou culpados. O setor empresarial deve se apresentar para buscar soluções em parceria com governos e sociedade, de forma que

se consiga chegar a bom termo nessas questões tão fundamentais para o planeta.

Um mercado de crédito de carbono vinculado ao Acordo de Paris é, a nosso ver, o mecanismo de cooperação global que proporcionaria mais incentivos concretos à redução de emissões de carbono na atmosfera e sua aprovação anteciparia resultados desejados para o longo prazo. Para a Suzano, 2050 é agora e não se deve postergar a adoção de medidas que contribuam para um necessário corte efetivo e imediato da emissão de carbono na atmosfera. É preciso que o objetivo almejado para 2050 seja construído desde já.

O Brasil conta com uma aptidão natural para atividades com baixas emissões de gases de efeito estufa, e a adoção de um mercado internacional de carbono poderia gerar diversas oportunidades para ativos e produtos de baixo carbono, reforçando sua competitividade mundial. O país também pode se tornar protagonista neste mercado, gerando receitas líquidas de bilhões de dólares, atraindo investimentos para atividades de preservação ambiental, desenvolvimento social, conservação da biodiversidade, geração de energia renovável e inovações tecnológicas. Também por isso a Suzano o apoia e está motivada em mobilizar o setor empresarial e o governo brasileiro em torno dessa causa. A empresa entende que a definição de metas concretas e ambiciosas é benéfica para o mundo e uma enorme fonte de geração de valor para o Brasil, criando alternativas de desenvolvimento sustentável para as comunidades locais inclusive na região da Amazônia, que precisa de alternativas viáveis para manter a floresta em pé e sem comprometer a soberania do território.

Ao ter o modelo de negócio viabilizado a partir do uso sustentável de recursos naturais; ao ser responsável pela gestão de uma área superior a 2 milhões de hectares no Brasil; e ao ser uma das raras empresas climate positive do mundo, a Suzano assume a responsabilidade de ajudar a promover um debate que apoie a construção de um mundo mais equalitário, justo e sustentável para as próximas gerações. A construção desse futuro está diretamente conectada às discussões a serem realizadas na COP26, quando se espera que agentes, setores e países evoluam na proposição de soluções que deem ao tema “Mudanças climáticas” a sua devida importância de curtíssimo prazo.

PARTE DA SOLUÇÃO

A árvore, base dos negócios da Suzano, permite avanços ainda maiores. Por isso, a companhia estabeleceu Compromissos para Renovar a Vida que in-

cluem objetivos relacionados à crise climática. Entre os destaques estão as metas de remover 40 milhões de tCO₂e no período de 2020 a 2030; de reduzir a intensidade das emissões de carbono (Escopos 1 e 2) por tonelada produzida (tCO₂eq / t de produto) em 15% até 2030; e de ofertar 10 milhões de toneladas de produtos de origem renovável para a substituição de materiais produzidos a partir de fontes fósseis.

Entre as diversas frentes de inovação destacam-se o desenvolvimento de fibras têxteis a partir da biomassa, a produção de lignina para aplicação em resinas e o desenvolvimento de biocombustíveis de transporte a partir de madeira.

Além disso, em 2021, a Suzano anunciou mais uma meta de longo prazo que trará grande contribuição para o planeta: até 2030, a empresa irá conectar meio milhão de hectares de áreas prioritárias para a conservação da Biodiversidade no Cerrado, na Mata Atlântica e na Amazônia.

MERCADO DE CRÉDITO DE CARBONO

Para a Suzano, o mercado de carbono vinculado ao Acordo de Paris é uma realidade como mecanismo viável e promissor para compensação de emissões. A estruturação de um mecanismo de mercado para monetização de carbono é uma iniciativa que depende da união de esforços entre diversos agentes envolvidos. Posicionada como parte da solução nos diversos fóruns de debate sobre o tema, a companhia participa de diversas ações coletivas que buscam estabelecer padrões e convergências em torno de um objetivo em comum.

Uma delas é a participação ativa e o engajamento de seus pares, parceiros e outros entes na articulação do setor empresarial perante governos e demais agentes envolvidos, de forma que se chegue a um acordo em relação a mecanismos viabilizadores de projetos de impacto para a agenda climática.

Nesse sentido, a companhia aderiu à iniciativa Climate Action 100+, liderada por investidores para garantir que os maiores emissores corporativos de gases do efeito estufa adotem as medidas necessárias sobre as mudanças climáticas, e passou a incorporar a iniciativa Assessing low-Carbon Transition (ACT) para o setor de papel e celulose. Recentemente, aderimos também ao ‘Science Based Target Initiative’ (SBTi) e à campanha ‘Business Ambition for 1.5°C’. Fazendo parte dessas iniciativas, também aderimos à campanha “Race to Zero”. A Suzano tem muito a contribuir com essas frentes de trabalho, porque planta e colhe árvores. Planta e colhe o futuro. Um futuro sustentável para o planeta.



suzano.com.br